



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11620 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

CONVERSAS E IMAGINÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS SOBRE A FAVELA.

Maria da Conceição Carvalho Brandt da Luz - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rosane de Azeredo Cunha Siqueira - UFF - Universidade Federal Fluminense

CONVERSAS E IMAGINÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS SOBRE A FAVELA.

A partir de uma situação cotidiana ocorrida com crianças de cinco a seis anos em uma UMEI, fomos convidados a discutir as representações simbólicas sobre os conceitos que envolvem os termos favelado e favela, dentro da pesquisa com os cotidianos. Utilizando as conversas como metodologia (ALVES & FERRAÇO, 2018) procuramos compreender o processo de desinvisibilização e reconhecimento que as produções curriculares podem proporcionar, quando questionamos os sentidos dos conhecimentos que são socialmente considerados válidos.

Uma cultura escolar é um espaço (CERTEAU, 1998) repleto de possibilidades, rico de imaginários e um convite a produções (GARCIA, 2015), ao reconhecermos a cultura como produção dos sujeitos, percebemos que há eventos que começam sem esperarmos, mas, que transformam a trajetória daquilo que acreditamos estar fluindo, apesar de nossas certezas.

De antemão, vamos nos situar na pesquisa. Somos pesquisadores do cotidiano. Uma escolha políticoepistemológica que surgiu a partir das percepções de que a sala de aula é um *espaçotempo* de experiências plurais, no qual somos desafiados, entendendo os currículos como produzidos (GARCIA, 2015). A proposta deste trabalho encontra-se articulada à atividade desenvolvida no contexto do grupo de pesquisa *Diálogos escolas-universidades: produção dos currículos e saberes docentes nos cotidianos*, e nasce da problematização de questões dialógicas ligadas às produções coletivas do que se entende como currículo e escola.

A proposta de discussão parte da conversa realizada com um grupo de alunos da Educação Infantil, de uma escola pública no Município de Niterói, com idade entre cinco e sete anos, sobre o tema “O que é ser favelado?”. O tema em questão foi uma sugestão de trabalho que surgiu diante de uma situação problema. Nossa proposição de trazer esta discussão se alinha ao pensamento das pesquisas com os cotidianos, pois, ao dialogarmos com Oliveira (2016) acreditamos que os nossos projetos de investigação estão voltados ao cotidiano escolar, ou seja, *as práticas que os diferentes sujeitos em interação neles desenvolvem e ao sentido emancipatório que elas possuem ou podem assumir em diferentes circunstâncias*. (OLIVEIRA, 2016, p. 15)

Gostaríamos de ressaltar que o presente trabalho entende a favela como um espaço vivido, que se construiu ao longo de décadas, para além de casas ou ruas, mas que se apresenta como um conjunto de lógicas culturais e agrupamentos socioculturais. As falas das crianças receberam intervenções para a ampliação do diálogo e não têm interesse em atribuir conceitos desse lugar. O que realizamos foi coletar as representações simbólicas do que é favela, através das narrativas que, de alguma maneira, foram gravadas no imaginário das crianças

A conversa começou revisitando a ação ocorrida acompanhada da seguinte indagação: “O que é ser favelado?”. Será sobre o encaminhamento dessa conversa, e as narrativas que dela surgem, que se tratará nosso texto. A pesquisa aqui apresentada faz parte de um projeto que já acontece na Unidade Municipal de educação Infantil desde 2018, no qual alunos e professores são convidados a “Rodas de Conversa” sobre diferentes temas.

Nossa conversa começa com uma ofensa verbal. “Para de gritar! Você está igual uma favelada.”. A indicação da fala da aluna de seis anos para outra, ocasionou uma reação contrária e não tão minimalista; “Eu não sou favelada. Favelada é você!” E assim, surgiu nossa conversa:

Professora: Você chamou sua colega de favelada, mas afinal, o que é ser favelado?

Criança 1: Favelado fica gritando que nem um maluco. Não era para ela ficar gritando com o meu irmão, porque ele não é dela é meu. E aí ela fica colocando a mão na cintura igual uma favelada.

Por essa resposta inicial, foi possível perceber os sentidos que a criança atribuiu ao que seja favelado durante a discussão entre elas, ou seja, era algo que estava ligado a postura da colega, porém, durante a fala da colega, outra criança interpõe:

Criança 2: Não, ela está errada. Favelada é uma coisa que é uma rua, é um lugar que tem um monte de coisa ruim. Favela tem ladrão, tem música de funk.

E outros completam:

Criança 3: favelado é onde se dá tiro que fica os bandidos, onde se fica assaltando as pessoas. A favela tem pessoas, mas elas foram morar lá e não sabiam que era um coisa ruim. Favela é um lugar que ninguém quer viver.

Criança 5: Favela é lugar de vagabundo, ladrão e tem rio com jacaré. Favela tem casa juntinha e é colorida.

Criança 1: As casas na favela parecem um quadro.

Nas respostas das crianças, pode-se verificar que os sentidos das palavras favela e favelado faziam parte de um mesmo imaginário, que se relacionava ao conceito de espaço vivido. Para elas, os sujeitos que dela fazem parte são pessoas que, mesmo não querendo morar naquele lugar, possuem tendências criminosas. Foi possível perceber também que algumas situações que eles relataram relacionavam-se as suas realidades, porém, ao serem questionadas se gostariam de morar na favela, a resposta foi uníssona: Não!

C4: Outro dia eu estava em casa e ouvi um barulho que parecia tiro, mas na verdade era bomba. Todo mundo se jogou no chão, mas era só bomba. Favela não fica só no morro, fica aqui embaixo também.

C5: Favelado é uma coisa muito pobre. Nós temos que ajudar se não a coisa revolta.

C1: Favela tem macumba.

Ao final da conversa propomos expor as nossas opiniões no mural da escola, em forma de escrita e desenhos. Nos foi possível perceber que, quando alguns funcionários liam as narrativas das crianças demonstravam surpresa, pois acreditavam que, por serem crianças de escola pública, o contraste entre asfalto e favela não lhes pareceriam tão distantes. Outras reações como choro e indignação também apareceram durante o tempo que o cartaz ficou exposto.

Pensar as narrativas dessas crianças como produções curriculares é um elemento fundamental para novas práticas pautadas em conversas. Uma escolha que se dá no cotidiano quando o entendemos como espaço vivido, no qual afetamos e somos afetados.

Diante disso, concluímos que a escuta atenta e constante pode proporcionar sentidos que afetam os sujeitos. Uma ação potente que está para além do currículo prescrito. Quando nos abrimos a este movimento conseguimos um diálogo que gera novos diálogos, e que desinvizibiliza, (re) cria e resiste aos sistemas hegemônicos e homogeneizante dentro de um cotidiano que é efêmero incontrolável, caótico e imprevisível (ALVES E FERRAÇO, 2018). Essa nossa convicção, em torno dessa proposta, é um lócus de produção, um enredamento de circunstâncias que se desenvolve de maneira legítima, que mobiliza uma criação cotidiana para diferentes dimensões.

Palavras-chave: currículos – cultura – cotidianos - produções

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Nilda. *Criar currículo no cotidiano*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GARCIA, Alexandra. *Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas*. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo et al. (Org.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2015. p. 289–304.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alii, FAPERJ, 2016.

SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). *Conversa com metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.